



R. 81

Quando a saudade que
de sua posse me fica, com in-
"propriedade" do prazer, oferece a
de "Associação" dos jardins - Brasil João
de Deus", o início exemplar que promus-
do jornal "A Cruz", para o qual expressa-
mente foi escrita, por João de Deus, a poesia
"A Miséria".
O respectivo original manuscrito, assinado e arquivado
pelo autor, encontra-se — assim como todos os
textos originais das produções que compõem "A Cruz" —
num alburno de polia vermelha com uma coroa de
corde, em laçada, pertencente ao Sr. Bandeira de Kink's
e de Almeida.
Dedicadamente
Lito Bandeira

12/2/66



A PRECE

Jornal publicado em beneficio das Crèches de Lisboa

SOB A DIRECÇÃO DE

Condessa de Almedina, Isabel de Sousa Botelho, Maria Luíza da Cunha Menezes
e Perpétua de Mello Carvalho Monteiro

COLLABORADORES

A. DE SERPA PIMENTEL, A. DE SOUSA E VASCONCELLOS, ALBERTO BRAGA, D. ANTONIO DA COSTA, ANTONIO ENNES,
ANTONIO X. RODRIGUES CORDEIRO, CAMILLO CASTELLO BRANCO, CHRISTOVÃO AYRES,
CARLOS DE BERTIANDOS, CONDE DE CASAL RIBEIRO, CONDE DE SABUGOSA, COUTO MONTEIRO, E. A. VIDAL, E. CASANOVA, D. ESTHER DA CUNHA BELLEM,
FERREIRA DE MESQUITA, F. GOMES DE AMORIM, FRANCISCO PALHA, GERVASIO LOBATO, G. DE VASCONCELLOS ABREU,
ENFIELD DE MELLO, HENRIQUE MARINHO, JOÃO DE DEUS, J. M. LATINO CORELHO, JULIO CESAR MACHADO, MANUEL D'ASSUMPÇÃO,
D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO,
MENDES LEAL, DR. OLIVEIRA VALLE, PINHEIRO CHAGAS, RANGEL DE LIMA, RANGEL DE LIMA JUNIOR, THOMAZ RIBEIRO,
VISCONDE DE BENALCANTOR, VISCONDE DE CASTILHO, XAVIER DE CARVALHO, XAVIER DA CUNHA, ...

NUMERO UNICO

1884

A CRÊCHE DA VIRGEM

Conto para crianças

CONTAVA uma santa velhinha muito devota das crêches que havia no seu tempo, em certa aldeia de França, uma desconsolada viuva que, quando ia para o trabalho da fabrica, costumava deixar só em casa a unica filha que tinha, um anjinho louro, tão bonito, que as visinhas diziam que o havia roubado a mãe da peanha d'uma imagem de Nossa Senhora, que estava na egreja da freguezia. Ao principio, a boa mulher levava consigo a pequenina Maria, e deitava-a n'uns trapos junto do tear em que lidava; mas a creança tossia, tossia a fazer-se roxa, respirando a pocira da officina.

Depois, corria ali tantos perigos! Certo dia, um operario brutal tropeçou n'ella, que a ia pisando, e ainda em cima enfiou-se e gritou que enxotassem aquelle canito, que ali estava enroscado. Outra vez quasi lhe passou sobre o corpo um carro de mão carregado de fardos. Não podia ser: a pequerruxa ficava esmagada, se a não matasse a tosse. Mas quem havia de tomar conta d'ella? A mãe não tinha parentes, e as mulheres estranhas, ou lhes faltava caridade, ou bem lhes bastava já o cuidarem das suas ninhadas.

A viuva teve, pois, de se resolver a deixar a filhinha fechada em casa. Não era por seu gosto, não; mas que remedio! A hora de sair, sentava-a no meio do chão terreo sobre um pedaço de esteira, punha-lhe no collo uma grossa fatia de pão de rala, e quando a via entretida a palrar com uma boneca feita d'un lenço encarnado de assoar, ou muito entusiasmada a bater no chão com um soldado de barro já sem cabeça, desaparecia-lhe de manso, depois de recomendar ao Ladino que tomasse conta na menina.

O Ladino era um grande cão peludo, que tinha tanta paciência e tanto jeito para entreter Maria como se fosse uma *bonne*. E, contudo, aquelle mansarrão já uma vez na sua vida tinha sido heroe: delatara-se ao mar e salvára

a nado o dono, o pae de Maria, que fôra pescador. A viuva sabia que o Ladino era capaz de lutar com um lobo para lhe defender a filha; contudo, em quanto se demorava na fabrica estava sempre em cuidados e ancias. Se aconteceria algum mal á pequenina! Se lhe daria uma dôr! Se treparia a alguma cadeira, que caísse com ella! Se viria uma trovoadá, que a assustasse! Succedia a miude ir encontral-a suffocada em choro, e até uma vez—que afflicção teve a pobre mulher!—achou-a toda banhada em sangue, porque tinha batido com o rostinho no chão. Ao pé d'ella, o Ladino, com as orelhas caídas, muito envergonhado de não ter sabido evitar aquelle desastre, lambia-lhe docemente a ferida.

Ainda se fosse esta a unica desgraça que aconteceu á pobresinha! N'uma manhã de inverno rigoroso, a mãe esteve quasi resolvida a perder o dia para a não deixar só. Que tempo, santo Deus! A bulha do vento e da chuva causava pavor. De noite tinham-se ouvido ao longe os uivos dos lobos que a tempestade afugentára da serra, e os campos estavam enlameados pelas cheias: felizmente que o rio que passava ao da casa de Maria era tão pacifico que ninguem da terra se lembrava de que tivesse transbordado! Mas o fosse tão indigente, se não se lembrasse de que havia de pagar no sabbado o pão que pedira fiado na loja, a viuva não deixaria a criança desacompanhada no meio d'aquelles horrores; mas o padeiro tratava-a tão mal quando ella lhe não pagava em dia! Lá foi; mas tão receiosa, tão anciada por tristes presentimentos, que ao passar pela freguezia, um templo rustico, pobre e respeitado a ponto de que não tinha fechos nas portas, e onde a unica pompa do culto era a devoção dos fieis pela imagem da Virgem do altar-mór, ajoelhou tremula no degrau do adro, e suspirou, com os olhos a marejarem lagrimas:

—Senhora, dignae-vos servir hoje de mãe á minha filha, que a miseria nem boa mãe me deixa ser!

Um coração materno adivinha tanto! Depois da infeliz ter ido para a fabrica, caíram do céu torrentes de chuva, e o rio, o rio pachorrento que roçava pela casa onde ficára Maria, tanto encheu com as aguas do monte que saltou fóra do leito como um mar embravecido, e na furia derribou as carcomidas paredes do casebre. Lá ficou, de certo, sepultada a misera creança; como haveria ella de salvar-se? Quando a viuva soube do desastre, acudiu como louca e pôz-se a cavar com as unhas nas ruínas em procura da filha: ao menos queria cobrir de beijos o pobre corpinho esmagado, queria morrer a apertal-o ao peito. Vieram homens da aldeia, removeram as pedras, levantaram as vigas, varreram o entulho, buscaram, esquadrinharam: não appareceu o cadaver de

Maria! A mãe sentiu gotejar-lhe no coração o balsamo da esperança; mas desenganou-se quando um camponez encontrou a alguma distancia da casa demolida, preso nos ramos d'um salgueiro que mergulhava no rio, o corpo do Ladino, que perecera afogado. O fiel animal ainda tinha preso entre os dentes um farrapo do vestido da criança. Não se podia duvidar: salvára-a do desabamento, mas levára-lh'a a cheia no recuar das aguas.

Quando a viuva se convenceu de todo de que tinha perdido a filha, entrou a delirar, que era lastima vê-la. Foi á igreja, deu um encontrão na porta, que costumava estar apenas cerrada, e a ranger os dentes e a torcer os braços perguntou á Virgem: «Senhora, o que fizestes do meu anjo, que vos entreguei?» N'isto, pareceu-lhe que a imagem sorria e baixava os olhos para o degrau do altar; seguiu-lhe machinalmente o olhar, e viu Maria, a sua estremecida Maria, salva, sã, risonha, entretida aos pés do altar a querer apanhar com a mãozinha as flores do tapete. Que prodigio era aquelle? Fôra o Ladino que arrastára para ali a criança, e depois se afogára na cheia, talvez querendo ir ter com a viuva para a levar aonde estava a filha? A feliz mãe e a devota gente da aldeia acreditarem antes n'um milagre da Virgem.

No dia seguinte ao desastre, já a viuva não deixou a filha na nova habitação em que se recolhera. Toda a gente da aldeia se lhe offereceu para tomar conta da criança; mas ella regeitou os offerecimentos, muito callada com a idéa que lhe tinha inspirado o coração, e quando saiu para o trabalho embrulhou Maria no chale, como se a levasse para a fabrica, e foi sental-a na igreja, no mesmo degrau do altar onde na vespera a encontrára salva, e ali a deixou só com os santos, cerrando a porta do templo ao retirar-se. Fez o mesmo nos outros dias; e quando no lugar se soube de como ella confiava a pequenina á protecção da Virgem, começaram todas as mães, que também trabalhavam fóra de casa, a ir guardar os filhinhos no templo. Contavam ellas que, quando depois iam buscar-os, ouviam ainda o bater d'azas dos anjos que a Senhora mandava descer do céu para entreterem os seus protegidos, e que levantavam o voo ao entrarem as mulheres, porque só olhos d'innocentes podem ver espiritos celestes.

Firmou-se este piedoso costume, e a igreja achou-se convertida, aos dias de semana, n'um hospício de crianças, a que o povo chamava a *Crèche da Virgem*, até que enfim umas senhoras abastadas e caritativas mandaram edificar junto do templo uma casa mais apropriada para recolher a infancia. Transportou-se para lá a imagem a que a mãe de Maria agradecia o salvamento da filha, e assim se fundou a benefica instituição, depois imitada em toda a parte onde ha miséria e caridade, berços ao desamparo e corações tão cheios de ternuras maternas que as derramam sobre os filhos alheios.

A primeira *crèche* foi um templo; e foi a Virgem que deu o exemplo de agasalhar com um manto de meiga protecção as criancinhas que o trabalho arranca dos braços das mães. Quem funda e protege uma *crèche* imita a mãe de Jesus.

Lisboa, 12 de abril de 1884.

ANTONIO ENNEA.

A sa Majesté la Reine

Reine! Tu peux entendre, autour de ta voiture,
Quand tu passes réveuse, un doux flatter murmure,
Qui monte jusqu'à toi, comme des flots d'encens:
Ce qui réjouit ton cœur, ce qui te rend heureuse,
C'est d'entendre là-bas, dans la crèche joyeuse,
Le bébé frais et clair de ses frères enfants.

PINHEIRO CHAGAS.



MAL desponta a luz do dia
A mãe, pobresinha, canta
A oração singela e santa
Da virgem—*Ave, Maria!*

Depois, corre pressurosa,
Levando contente e calma
O filhinho da sua alma
Para a crèche piedosa:

E em transportes de alegria,
Vendo-o ficar entre flores,
A mãe dos santos amores
Reza ainda:—*Ave, Maria!*

À tarde, quando descança
Do seu viver afanoso,
Lá volta ao ninho formoso
Buscar a sua esperança.

E a mimosa creancinha
Ao terno seio apertando,
Vae baixinho recitando
A sorrir—*Salve, Rainha!*

8 de abril 1884.

MANUEL D'ASSUMPTÃO.

O Mystério das rosas



Diz a lenda que a Rainha Santa muitas vezes, deixando as galas da corte, sahia do paço real para levar pão aos que o não tinham; que um dia, sendo encontrada pelo rei n'uma d'essas piedosas peregrinações, e perguntando-lhe este o que escondia no regaço, dissera, mostrando-o—«São rosas, senhor!» e em rosas a esmola se tornara.

Os que não gostam de crer suppunham atégora que esta sympathica narrativa era apenas a consagração poetica registada pelo povo, de que foi sempre a caridade das princezas portuguezas a sua mais bella grinalda. Eu por mim, digo-o francamente, sou propenso ao maravilhoso, por isso acreditava no conto ás cegas, e, quando seiscava n'esta passagem da gentil e nobre filha d'Aragão, tinha pena de que se não soubesse ao certo quaes eram, d'entre tantas que por ali ha, as rosas do milagre.

Annunciou-se a *Kermesse*, chamaram-lhe a festa das rosas e não disseram de quaes, mas eu logo tive por certo que era a das flores do mysterio, quebrando o seu encanto: pois se outr'ora houve pão que se transformou em rosas, e rosas ha hoje que hão de transformar-se em pão, que duvida pôde restar de que são as mesmas rosas e será o mesmo pão?!

Bem fazia eu em ter fê na historia da Rainha Santa.

CONDE DE BERTIANDOS.

A CARIDADE



DIA estava nebuloso e tristonho.

Quando o sol não brilha, o meu espirito inclina-se pouco a diversões risonhas ou fantasiosas.

A nevoa exterior condensa-me no intimo aquelle *brouillard* de que falla Pascal, e que uma pessoa pôde muito bem ter, mesmo não sendo individuo de tantos quilates.

Eu deveria, talvez, saborear-me n'alguma pagina do ultimo realismo decotado, ou crestar a preceito as raras flores da minha credulidade pueril deletreando qualquer systema de materialidades jactanciosas; mas não, insensivelmente dei comigo, pelos geitos do mais humilde parcho sertanejo, folheando as epistolas de um genio que se chamou Paulo, e d'alí a instantes o meu olhar distraído cahia sobre estes versiculos adoraveis:

—«Ainda que eu fallasse a lingua dos homens e dos anjos, se não tivesse caridade, seria como o metal que tine e o sino que resôa.»

—«E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os segredos e sciencias, e ainda quando tivesse toda a fé, por tal maneira que transferisse os montes, se não tivesse caridade nada seria.»

—«A caridade é paciente, é benigna; tudo crê, tudo espera, tudo soffre.»

—«Não folga com a injustiça; folga com a verdade.»

Quando acabei de ler estas linhas, traçadas pela maior individualidade christã, julguei que o céu era azul, a viração perfumada, o rumor do vento harmonioso, a terra em volta uma nêgasinha d'esse paraíso que todos nós temos mais ou menos entrevisto; e o meu coração sentia-se engolfar n'um oceano de luz, só de embebido na tua limpida visão, ó caridade.

Abril, 84.

E. A. VIDAL.



As rosas da rainha

*Como a rainha Santa, á historia grato encanto,
Sublime e angelical, d'amor e de piedade,
Um dia meigamente, abrindo o regio manto,
Em rosas transformará o pão da caridade;*

*Hoje outra existe assim, de quem meigos sorrisos
São balsamo que extingue alheias fundas dores!
Que em luz converte as trevas, as lagrimas em risos,
Em agasalho o frio, e em caridade as flores!...*

ESTHER DA CUNHA BELLEB.

INSTRUIR o povo é muito. Educar, moralisar, christianisar o povo é muito mais.

A escola instrue; a creche educa; isto é: principia a esboçar pelo carinho, pela paciencia, pelas praticas diarias da idéa religiosa, a educação da infancia. A creche é a familia para os pequeninos a quem a familia falta umas horas por dia; é a meiguice para os que talvez nem em casa costumam receber meiguices.

Gosto pois da escola, mas quero muito mais do intimo á creche.

Aquella põe luz na intelligencia, sim; mas esta principia a aquecer o coração.

JULIO DE CASTILHO.

FESTAS DE FESTAS

QUANDO, de Dahomey na corte barbara,
annuncia o rei negro as suas festas,
nas cubatas das lugubres florestas
ouve-se, em triste côro, um longo *oremus*;
e o povo diz:—morremos!—

Quando na idade media, activo e prodigo,
o senhor de barão e de cutello
abria a festas o feudal castello,
da gleba o servo, que as pagava, afflicto
murmurava:—maldito!—

Aqui, agora, quando a corte e os proceres
preparam novas festas e folgares,
entram raios de sol nos pobres lares,
alegrias que a dôr jámais ultraiam!
e a nação diz:—bem hajam!—

12 de abril de 1884.

THOMAZ RIBEIRO.

LAGRIMAS



NTRA-SE no mundo com lagrimas,
sabe-se do mundo por entre lagrimas.

Custam rios de lagrimas os primeiros estudos, e a muitos os primeiros amores.

A perda dos que nos são caros faz-nos chorar lagrimas de sangue. Quantas supplicas não fazemos, som nos darem ouvidos, com lagrimas na voz!

Quem pôde resistir á mulher que ama quando a vê banhada em lagrimas? Quem não sente apertar-se-lhe o coração ao ver uma lagrima nos olhos de um homem forte?

Ha n'este valle de lagrimas, lagrimas de toda a especie; até ha lagrimas perdidas—quem tal diria?—as lagrimas de crocodilo!

Os poetas chamam ás gotas do orvalho da manhã lagrimas da aurora. A physica tem as suas lagrimas batavicas. A botanica denomina certa herba graminea lagrimas do Job, ou lagrimas de Nossa Senhora; a uma planta brasileira chama lagrimas de Venus.

São doidos pelo *lacrima christi* os velhos e os rapazes. Lagrimas por toda a parte, lagrimas até nas ornamentações architectonicas e na lava dos vulcões!

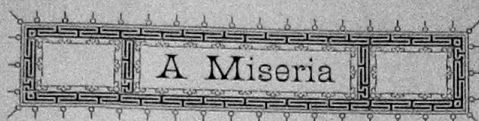
Ha, porém, umas lagrimas, que, mais do que nenhuma, nos enternecem e confrangem, umas lagrimas que todos desejam beber—que as lagrimas bebem-se, e ditosos dos que as bebem porque assim consolam os infelizes. São as lagrimas da infancia que sem lar, nem pão, nem roupa estende os bracinhos descarnados á caridade publica.

Ora, succede que são essas lagrimas, justamente, as que a primeira Senhora da familia portugueza, coadjuvada por outras senhoras da melhor sociedade de Lisboa, vae enxugar, carinhosa, n'uma festa sympathica, atrahente, encantadora.

Uma lagrima de alegria, pois—visto que, Deus louvado! tambem ha lagrimas de alegria—em homenagem a tão brilhante rasgo de amor aos pequeninos!

Abril, 1884.

BANGEL DE LIMA.



A RA já noite cerrada,
Diz o filho: «Oh! minha mãe!
Debaixo d'aquella arcada,
Passava-se a noite bem!»

A cega, que todo o dia
Tinha levado a andar,
A taes palavras do guia,
Sentiu-se reanimar.

Mas saltam dois cães de gado,
Que cram como dois leões:
Tinha-os á porta um morgado,
Para o guardar dos ladrões.

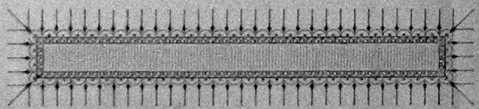
Os pobres tornam á estrada,
E aonde haviam de ir dar?
Ao palacio da tapada
Onde o rei ia caçar.

Á ceguinha meio morta,
Torna o filho: «Oh! minha mãe!
Ali no vão d'uma porta,
Passava-se a noite bem!»

— Se os cães deixarem... — diz ella,
A triste, n'um riso amargo.
Com effeito, a sentinella:
«Quem vem lá?... Passe de largo!»

Então, ceguinha e filhinho,
Vendo a sua esperança vã,
Deitaram-se no caminho,
Até romper a manhã.

JOÃO DE DEUS.



QUANDO eu era moça, quando a vida me não tinha
sido traiçoeira e hostil, quando, como no extranho
quadro de Ballheim, na criança que ri, eu não sabia ainda
ver a caveira que tregeiteia o seu medonho rictus, quando
no meu caminho dourado pelo sol eu não fizera ainda
o inolvidavel e sinistro encontro da Morte, é natural que
eu tivesse também os meus sonhos azues e as minhas
utopias radiosas.

Quem é que não sonha ao menos uma vez na vida?

Pensava eu então que chegaria um tempo em que a
Caridade, a prodiga divina, voltasse para o Céu d'onde
viera valer aos opprimidos, deixando a terra pacificada
e tranquillá sob o jugo austero da Justiça.

Pensava eu que chegaria uma hora — hora que tantos
martyres anteviram como suprema recompensa a sua
abnegação, no instante da eterna despedida — em que ne-
nhum homem precisasse da esmola de outro homem,
pois que todos teriam de direito, o seu pedaço de pão,
e o seu raio de verdade, no ágape da humanidade re-
conciliada e fraternal.

Em cada lar, por mais modesto que fosse, comprazia-se
o meu espirito de fraco e de ignorante, em ver o ho-
mem e a mulher, unidos pelo trabalho e pelo sacrificio,
junto do berço onde sorrisse ao olhar dos paes, a criança
faminta de carinhos e de luz.

Essa trindade humana não a queria eu dispersa; pare-
cia-me que sem o papear da pequena ave, o ninho ha-
via de ser muito desflorado e muito triste.

Mas vê-se que no mundo os miseraveis não teem direito
a taes venturas

Para que os filhos lhes não morram, é mister que a
Caridade os vá buscar, e lh'os agasalhe no seio uberrimo,
que para todos se abre inexgotavel.

Os meus sonhos de felicidade universal foram, como
muita outra cousa luminosa e querida, exilados por mim,
para o paiz das chymeras da mocidade.

Hoje sei que o dia, que eu imaginava, não virá nunca;
mas confesso ainda assim que se estamos longe do ideal,
é todavia o nosso tempo o que se tem mostrado mais
compassivo aos desgraçados.

A Caridade é a poesia do seculo dezenove. Elle, o
scientifico, o utilitario, o industrial terá para os seculos
vindouros esta aureola de luz a illumina-lo.

Porém como é forçoso que em tudo este seculo im-
prima o seu cunho singular, fez elle que uma virtude
sublime — a Caridade — fosse igualmente uma virtude ele-
gante.

Quem pôde levar-lhe a mal este requinte gracioso, este
delicado cambiante, esta encantadora e habil transigencia
com o egoismo humano, egoismo que é moderno, que é
antigo, que é de todos os tempos?

Que máo é que a gente faça o bem divertindo-se um
pouquinho? que enxugue as lagrimas dos miseraveis,
ensaíando ao mesmo tempo o effeito d'uma toilette im-
prevista? que mate a fome aos desherdados, ao som
d'uma valsa sonhadora de Strauss?

Não é verdade que d'este modo ficam igualmente con-
tentes os pobres e os ricos?

A uns dá a Caridade a esmola do pão, a outros dá
o Prazer a esmola do esquecimento.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



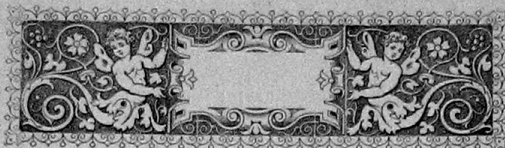
III.^{ma} e EX.^{ma} Sr.^a Condessa de Almedina. — Cumpro as ordens
de V. Ex.^a como sei, e como posso, isto é, não podendo nem
sabendo. Confessal-o é merecer a indulgencia plenaria de quem
tanto saberá perdoar ao que é de V. Ex.^a com o maximo res-
peito v.^o e cr.^o agradecido. — FRANCISCO PALHA.

Anita, dou-te um doce
se a velho, qual eu sou, versos capazes
alguma vez apanhas!
Assim rapaz eu fosse!...
Sómente canta bem quem sente amores
e só quem sente amor são os rapazes.
Os velhos semsabores
tal qual como as castanhas...
piladas... teem as almas! Vendo as flores,
em vez de pôr os olhos na belleza
que em si a flor encerra,
mols olham para a terra
onde os ha de encerrar a natureza.
Eu sou um d'esses tristes! Despedi-me
há muito da poesia;
que não supporta um noxo a luz do dia.
Um desquite amavel. *Nono accordo.*
Trabalha era peor. Eu nunca moro
na mão que me afago. Seria um crime!
e quero até ao fim da minha vida
poder apresentar folha corrida.

Em vão portanto, Anita,
em vão tu vens bater á minha porta.
Nunca pôde pagar tua visita
espirito que foi, alma que é morta.
Um bem ta lhe flaccio, Ah! Sa bendita!
Com tão gentil sorriso
bateste á porta, a fada,
que a pobre alma penada
subiu do purgatorio ao paraiso.

Abril, 1884.

FRANCISCO PALHA.



POBRES E RICOS

E CERTO que no mundo hoje se prégam
As noções mais incríveis e insensatas,
Miragens sociaes que o povo cegam,
Obra fallaz de gentes incordatas.

Diz-se que os reis, dos povos são inimigos,
Que ás nações são nocivos e importunos,
Que legitimos reis, do povo amigos,
Ou os não ha, ou são-no os reis tribunos.

Diz-se tambem que os ricos são funestos,
Que amparo aos pobres negam e carinho,
Que se engolfam em luxo, e deshonestos
Se nutrem do suor do pobrezinho.

A idéas taes, a vozes tão dolosas,
Respondem com triumpho em Portugal,
Isabel convertendo a esmola em rosas,
Pedro v entre os pobres no hospital.

E não será malevola loucura
Dos obreiros a mão calosa erguer,
Contra o luxo, que d'elles é feitura,
O luxo que os affronta e os faz viver?

Tu, cuja ingratição o mundo assombra,
De más doutrinas infeliz sectario,
Nos palacios, nos coches, e na alfombra,
Não vês a mão activa do operario?

Não será pois mais justo e verdadeiro,
Mais consentaneo aos interesses seus,
Com animo christão prégam ao obreiro,
Em vez do odio ao rico, o amor a Deus?

Se o deslumbra dos ricos a opulencia,
Se dos grandes o offende o vão arminho,
Não lhe sorri aquella Omnipotencia,
Que ministra o biscato ao passarinho,

Que off'rece glorias aos que ao seu martyrio
Sabem oppôr feliz resignação,
Que dá o orvalho á hervinha, e veste o lyrio
Com mais pompa que ao proprio Salomão?

Quanto o rico lucrou, quanto dispende,
É tudo repartido com o obreiro;
A sua lavra para todos rende;
Nenhum rico comeu jámais dinheiro.

Se destructa na vida um curto imperio,
Tambem lhe chega o occaso como ao sol;
E quando morre vac-se ao cemiterio,
Sem levar mais bagagem que um lençol.

Esses ricos em quem notaes flagícios,
(Vêde a contradicção e o disparate)
Fazem-vos subscripções e benefícios,
Onde outros fazem peças de combate.

Quem á penuria off'rece refrigerio,
Quem protege, quem dá com ampla mão,
As rodas para os filhos do mysterio,
Os subsidios ás mães que não tem pão?

Para os pobres quem funda, quem sustenta
O Asylo, a Escola, a Crèche, e o Hospital?
Será acaso alguma ave praguenta,
Das que prégam o odio ao capital?

Das creancinhas pobres o abandono
Quem mitiga, e combate a atroz miseria?
Vêde a Dama gentil, joia do Throno,
Gloria de Portugal e flor da Hesperia,

Que toma a — Caridade — por divisa,
E se faz com modestia, sem jactancia,
Por vocação e amor, sacerdotisa
Do culto, grato a Deus, da santa Infancia;

E descendo os degraus de uns paços nobres,
Por mudar da pobreza agros destinos,
Entre o povo se inscreve irmã dos pobres,
E vice-mãe dos pobres pequeninos.

Tu lhe alastra os caminhos de mil flores,
Á regia embaixatriz da Providencia,
Tu, que sabes amar teus bemfeitores,
Filha do Céu, angelica innocencia.



Ás creanças das crèches

O PEQUENINOS! lembrar-vos-heis, um dia, de quem hoje
se lembrou de vós!

Dormi agora nos vossos bercinhos...

Esta festa, dada em vossa intenção e a que não assistis,
é a felicidade para vós: fechae os olhos, para a verdes!

Combate-se com flores n'este torneio de tres dias, encantados, rapidos, que se vão passar como um sonho na floresta.

Que de alto que vem a piedade, que se abaixa n'esta hora até vós!

A felicidade mais certa, ô creancinhas, é a d'este instante...

Dia virá em que a vossa mãe ha de deixar-vos outra vez, e não para ir trabalhar; para ir dormir. Mas, não voltará á hora do fim da fida, a buscar-vos, como agora; não voltará nunca mais...

Ainda o infortunio de hoje ha de rescender com um aroma de meiga ventura na vossa alma; embora a distancia seja um phantasma, nem sempre são negros os seus véos; haveis de vel-o da côr das saudades...

Então, a imagem de vossa mãe, quando ia entregar-vos de mauhásinha á crèche, e, todo o dia privada de vos ver, só depois do largar do trabalho vos levava o beijo luminoso da sua alegria; então, as gentis visões das que hoje empregam os seus cuidados em vos valérem, —hão-de passar, haveis de as ver passar! n'uma nuvem de felicidade, que desponte no horisonte, ao tempo em que a claridade do poente lhe fór tingindo as margens, consolando os olhos de já avistarem aoute...

Abençoae-as!

Um dia julgareis pela memoria, —essa irmã do passado, que acaba por usar brancos os lutos — o que ha de formoso, de attrahente e grande, no bem que hoje vos fazem!

JULIO CESAR MACHADO.

As duas Primaveras

*Ja deixa a matta ouvir mais d'un trinado;
Cessa hymernal turpor, e nova Armida
Surge a quadra em que tudo a amar convida:
Abril a sebe enflora e esmalta o prado.*

*Volve a Estação festiva!—D'outro lado
Recresce o afan da renascente tida,
Que aos berços vai levar conforto e vida,
De piedosa missão tenaz cuidado!*

*Qual mais fecundo amor? o que desposa
Terrena pompa? ou antes o que esmera
Da infancia em flor a criação mimosa?*

*Resgata o berço, o berço regenera!
Que imagem mais perfeita e mais formosa
Da melhor e mais grata Primavera?*

Madrid, abril 10 1884.

MENDES LEAL.



Linhas soltas

HA uma força universal na natureza, que obriga todas as moléculas da matéria e todos os aggregados d'ellas a aproximarem-se uns dos outros debaixo de certas leis. Esta força chama-se *atracção*.

Na natureza moral ha outro impulso não menos poderoso, que sollicita todas as energias, todas as piedades, todas as ternuras do coração para com a desgraça, a velhice e a infancia. Essa força chama-se *caridade*.

É a caridade uma flôr, d'onde se exhala um perfume divino: o da *esmola*.

A *Kermesse* com os seus encantos de phantasia e de luxo, com a seducção das suas barracas multicores, tendas de guerra attrahentes, onde estão pelejando as mais nobres damas, abroquelladas pelo duplo arnez da formosura e da virtude, e a *voz*, a que responderá por *ecce chrystallizado* em edificio a nova *creche*.

O maior poeta do seculo, prophetisando a morte das obras architectonicas pelo livro, escreven as sabidas palavras: *«cecce iuxta ceta»*. A *Kermesse* tão maravilha predizel-o: gerará a *creche*, já bem fadada pelo nome de *Esperança*, que é o do sitio em que começou a ser erguida, e a que porão um diadema radioso a *Fé* e a *Caridade*. Em relação á *creche* poder-se-hia dizer da *Kermesse*: *«cecce infanteria ceta»*.

É a caridade um poema colectivo, para que cada um de nós pôde contribuir com uma estrophe de ouro: uma acção boa, um obolo generoso.

Por mais recatada que seja a caridade — especie de violeta emboscada nos vallados — evola-se d'ella um duplo aroma que a denuncia: o contentamento secreto da consciencia de quem a exerce, e o reconhecimento intimo de quem a recebe.

A caridade tem as suas visões, algumas tão resplandecentes como as do Dante no seu *Paraiso*. Vamos todas *feirar* na *Kermesse*, cada um conforme as suas posões. Perante Deus, é tão agradável o perfume da violeta, como o aroma opulento das rosas de abril.

E quando estivermos dormindo em nossos leitos, veremos moverem-se em espiraes de luz legiões de pobres mãos agradecidas, e voltearem n'uma atmosphera diamantina, entre fulgores de rubins e esmeraldas, grupos de creancinhas rosadas como coraes, brancas como lyrios!

VISCONDE DE BERNALCANFOR.

Rainhas Portuguezas

NA historia das rainhas portuguezas ha formosos exemplos de virtude, e brilhantes elementos de civilisação.

D. Mafalda, a sympathica filha da Casa de Saboya, que veio com a sua graciosidade italiana inflorescer e dulcificar o thalamo guerreiro do primeiro monarcha de Portugal, promove o desenvolvimento das albergarias, inaugurado já pela infante-rainha D. Thereza;—Santa Isabel, a rainha pacificadora, desata-se n'uma piedosa torrente de esmolas e doações;—D. Brites, a esposa do bravo D. Affonso iv, institue as mercearias da Sé;—D. Leonor, a viuva de el-rei D. João ii, funda as misericordias;—no reinado de D. Maria i nasce a *Casa Pia*;—no de D. Maria ii abrem-se hospícios para invalidos;—sob a protecção da viuva de D. Pedro iv multiplicam-se os asylos de infancia desvalida;—a amavel D. Estephania succumbe no verdor dos annos, deixando em legado o plano de um hospital para crianças;—finalmente a rainha D. Maria Pia, como exuberante justificação do poetico sobrenome que lhe pozeram, implanta as creches em Portugal.

Uma dynastia lindissima de princezas em que, por divisa emblematica, anda tradicionalmente a palavra—*beneficencia*.

XAVIER DA CUNHA.

O FUNERAL DA POMBA

No começo da estrada
Um pequenito a soluçar caminha;
Vae, de capa encarnada,
A agitar tristemente a campainha!

Abre o prestito, á frente, o irmão mais velho,
Com ares d'infeliz;
Leva uma cruz alçada e um evangelho,
E uma saia a fingir sobrepelez.

Tres creancinhas vão,
Tirando o carro com sentida magua,
A enxugar—coitaditas! com a mão
Os olhos rasos d'agua!

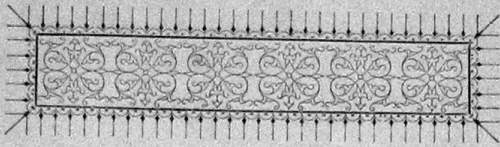
A pomba vae deitada
Sobre um colchão de folhas setinosas,
E abriga-a uma ramada
Toda feita de petalas de rosas...

Vão raparigas a esfolhar-lhe em roda
As flores que despontam no caminho...
E as longas azas que a encobrem toda
D'uma brancura doce
Deixam-na ir assim como se fosse
Amortalhada n'um lençol de linho!

No ar adeja o bando
Dos rouxinões, soltando
Uns dolorosos pios!...
Das folhas do arvoredro
Pendem sentidas lagrimas em fios...

E pelo pinheiral
Perpassa o vento a soluçar a medo,
Como quem chora em intimo segredo,
Ao ver passar o triste funeral!...

ALBERTO BRAGA.



E SUS DE NAZARETH, na sua divina hombridade de restaurador da pervertida alma humana, teve um momento de maviosa ternura quando viu creanças. E então, n'um doce murmúrio de prece, pediu que deixassem aconchegar-se d'Elle os pequeninos ainda não contaminados. Hoje, á beira do berço das criancinhas, ouve-se *A Prece* de algumas almas generosas, affaveis como Jesus, pedindo que se approxime d'aquelles berços quem os quizer acalantar com a compaixão que inspira a innocencia desgraçada pelo stygma de ter nascido na miseria.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.



Esmola, pelo amor...

A TI, ó minha santa adorada; a ti, que me deste o ser; que me foste carinhoso mimo na infancia, lição proveitosa na adolescencia, justo conselho e exemplo na virilidade, e sempre, sempre amor; a ti, que recebeste na unção do baptismo sacramental o doce nome de Candida, como se os que t'o deram quizessem desde logo vaticinar que serias em tua pura e immaculada alma o que eras n'esse teu suavissimo nome; a ti, que eu perdi para sempre, mas que nas horas das minhas tristezas e desalentos desces, em espirito, do logar ignoto onde te alaste, e vens, sollicita, bafejar-me a fronte com uma esperanza e uma consolação; a ti—ó minha mãe!—venho eu pedir n'este momento a inspiração de uma palavra, uma prece, que vibre fundo no coração d'aquellas a quem melhor se me affigura que devo dirigil-a.

De todas as amarguras d'este mundo, a mais cruciante é, por sem duvida, a que sente a mãe pelo padecer do filho. Nenhuma se lhe compara, nenhuma se lhe iguala; como se não igualam nem comparam a outros os extremos do amor maternal.

Tem elle a profunda immensidade dos mares e a cristalina quietação dos lagos.

Conta a bella tradição de um phantasia original que um dia certo filho desnaturado ou louco arrancou o coração da mãe para cumprir o feroz capricho da sua amada cruel! Corria pressuroso a entregar-lh'o, quando no caminho tropeçou e cahiu. Uma voz brandinha e terna se ouviu então que perguntava: — Maguaste-te, filho?

Formoso apolo de isenção sublime, unica!

Pois bem. É ás senhoras que eu me dirijo, descoberto e reverente. A vós, que viveis da vida que destes, que estremeceis de amor celestial e puro, que sois a parcella verdadeiramente encantadora e adoravel da humanidade; é ás mães que eu, em nome das crianças desvalidas e famintas, peço esmola, pelo amor... dos filhos!

Abri, 1884.

FERNANDA DE MESQUITA.



É SEM duvida a caridade a mais formosa das virtudes, quando exercida como um dever, sem a minima sombra de egoismo e vaidade pessoal. Mas a caridade quando pela esmola tem por fim remediar a pobreza dos desvalidos é, como na medicina os mais poderosos especificos, um testemunho doloroso de que existem no organismo lastimosas e profundas enfermidades, que fôra melhor acautelar e prevenir, quanto possivel, pela hygiene social.

O dia, em que o sentimento do amor do proximo, pela mais justa e mais racional organização das humanas sociedades, podesse resumir-se a consolar as dores moraes sem ter que repartir o pão e o domicilio aos desherdados e famelicos, esse haveria de ser o dia da sua gloria.

Quando todos tivessem abrigo e nutrição ainda a caridade, se deixasse de ser o escasso lenitivo da penuria e o palliatio insufficiente da fome e da nudez, seria a consolação e o refrigerio das grandes tribulações. Porque embora a crescente civilisação possa um dia resolver o tremendo problema da miseria, a dor continuará a ser perpetuamente a herança da humanidade.

12 de abril de 1884.

J. M. LATINO CORELHO.



QADENTIA SÍDERA

Ha longos annos já, como sabeis, Senhora, em Portugal reinava uma Rainha Santa, de coração tão bom e de doçura tanta que toda a gente ao vel-a a bemdizia outr'ora.

Largas as régias mãos, a esmola bemfeitora ou cerrava ao faminto o olhar que a fome espanta, ou se tornava aos nus em conchegada manta; depois de escura noite ella era a luz da aurora.

Um dia: «Que levais?»—lhe perguntara o esposo, «Vede,—tornou ella em modo respeitoso, «São flores, nada mais occulto em meu regaço.»

Tambem Vós nos direis, ao vèrdes as creanças com seus sorrisos bons orlados d'esperanças: «São astros que eu achei errantes pelo espaço.»

Lisboa, abril de 1884.

GREENFIELD DE MELLO.

A PRECE DO ÁRYA

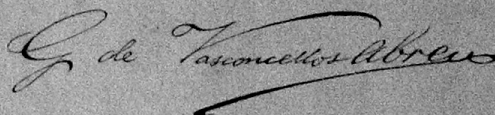
HYMNO A VÂRUNA

PELO

RIXI XUNAXEPA, FILHO DE AJIGARTA, NO METRO GÂYATRI

TRASLADADO DO RIGVEDA, I, 25, A PORTUGUES

POR



Perdão-me, ó Vâruna, as minhas
dívidas.

Rigveda, II, 28, 9.

Para longe vá com o peccado quem
detestar a prece.

Rigveda, X, 34, 9.

यच्चिदि ते विशो यथा प्र देव वरुण व्रतम् ।
मिनीमसि अविश्वि ॥ १ ॥

1—Se homens como somos, ó deus, ó Vâruna, os teus
preceitos offendemos, dia a dia,

मा नो वधाय कृत्वै श्लिहीकृतस्य रीरधः ।
मा हृणानस्य मन्यवे ॥ २ ॥

2—não nos entregues á mortifera arma da tua colera,
nem ao encendimento da tua ira.

वि मुञ्जीकाय ते मनो रथीरश्च न संदितम् ।
गीर्भिरुण सीमहि ॥ ३ ॥

3—Assim como o auriga solta o cavallo atrellado,
assim por nossos cantos possamos desprender de
teu espirito o resentimento, ó Vâruna, para que
te compadeças de nós.

परा हि मे विमन्यवः पतन्ति वस्यर्ष्टये ।
वयो न वसतीर्य ॥ ४ ॥

4—Anciosos te procuram os meus anhelos, Summo
Bem, como as aves os ninhos para que vôam.

कदा क्षत्राय नरमा वरुणं करामहे ।
मुञ्जीकार्योचक्षसम् ॥ ५ ॥

5—Quando obteremos nós a misericórdia de Vâruna,
o Forte dos Fortes, o Senhor potente, que ao
mundo todo abrange com o seu olhar?

..... ॥ ६ ॥

6—.....

वेदा यो वीनां पदमन्तरिक्षेण पतताम् ।
वेद नावः समद्रियः ॥ ७ ॥

7—Aquelle que vê a traça das aves no espaço, e conhece
o rumo do barco sobre as aguas,

वेद मासो धतव्रता द्वादश प्रधावतः ।
वेदा ये उपवायंत ॥ ८ ॥

8—e, mantenedor da lei, conhece a successão de dias
durante os annos (lunares) de doze meses e o mês
que vem depois,

वेद वातस्य वर्तनिमुरार्वस्य बहुतः ।
वेदा ये अध्यासंत ॥ ९ ॥

9—e também conhece o volver do vento, extenso, alto,
forte, e os deuses que o regem.

नि षसाद् धृतव्रतो वरुणः पस्त्याऽस्वा ।
साम्रोहियाय सुक्रतुः ॥ १० ॥

10 — esse é Vâruna, o mantenedor da lei, o omnipotente que, das moradas onde está, governa,

अतो विश्वान्यद्भुता चिकित्वाँ अभि पश्यति ।
कतानि या च कर्त्वी ॥ ११ ॥

11 — vigia attentamente tudo o que é invisível, e vê o que está feito e o que está para fazer-se.

स नो विश्वाहो सुक्रतुरादित्यः सुपथां करत् ।
प्र ण आर्यैषि तारिषत् ॥ १२ ॥

12 — Ó poderoso filho de Aditi, afasta de nós os perigos do caminho quotidiano, e prolonga a nossa vida!

विश्रद्वापिं हिरण्ययं वरुणो वस्त निर्णिजम् ।
परि स्पशो नि वेदिरे ॥ १३ ॥

13 — Com trajes puros vestido, envolto em aureo manto, ó Vâruna, tens em roda de ti assentados os teus espíões, as estrellas.

न ये दिव्यं हिंसवो न दुष्काणो जनानाम् ।
न देवमभिमातयः ॥ १४ ॥

14 — Não ha malfetor que mal te faça, nem ardil que não conheças, nem embaidor de homens que te illuda a ti, ó deus!

उत यो मानुषिष्वा यशश्चक्रे असाम्या ।
अस्माकमुदरेष्वा ॥ १५ ॥

15 — Que tu asseguraste, completamente, a tua gloria entre os homens, provendo ao nosso sustento.

परां मे यत्ति धीतयो गावो न गव्यूतीरनु ।
इच्छतीरुचक्षते ॥ १६ ॥

16 — Quaes vaccas famintas ás pastagens, assim as minhas expressões de vivo desejo se dirigem áquelle que o mundo abrange todo com um só olhar.

सं नु वोचावहै पुनर्यतो मे मधामृतम् ।
होतव्यं तदने प्रियम् ॥ १७ ॥

17 — Volve agora ao altar em que te offereço o doce nectar, e conversemos ambos. Recebe a parte da offerta que te é grata, como a recebe o proprio sacrificador.

दर्शं नु विश्वदर्शतं दर्शं रथमधि तमि ।
एता हृषत मे गिरः ॥ १८ ॥

18 — Eu vejo agora o deus que deve ser visto de todos; e sobre a terra vejo o seu divino carro!... Elle acceitou contente os meus cantos.

रुमं मे वरुण शुधी हवमया च मऊय ।
वामवस्युरा चक्रे ॥ १९ ॥

19 — Ó Vâruna, attende ao meu clamor, compadece-te hoje de mim! Desejoso de me refugiar em ti, procurei-te!

व विश्वम्य मेधिर दिवश्च गमश्च राक्षसि ।
स यामेनि प्रति शुधि ॥ २० ॥

20 — Tu governas sobre todas as cousas, assim na terra como no ceu, ó sabio! Acolhe a minha prece:

उदुत्तमं ममग्नि नो वि पार्श मध्यमं चत ।
अवाधमानि वीयसे ॥ २१ ॥

21 — Desprende-nos dos laços em que possamos cair, livra-nos do peccado, para que possamos viver,



नि षसाद् धृतव्रतो वरुणः पस्त्याश्वा ।
साम्राज्याय सुक्रतुः ॥ १० ॥

10 — esse é Vâruna, o mantenedor da lei, o onnipotente que, das moradas onde está, governa,

अतो विश्वान्यद्भुता चिकित्वाँ अभि पश्यति ।
कतानि या च कर्त्वी ॥ ११ ॥

11 — vigia attentamente tudo o que é invisível, e vê o que está feito e o que está para fazer-se.

स नो विश्वाहा सुक्रतुरादित्यः सपथां कर्त्तु ।
प्र ण आर्थेयि तारिषत् ॥ १२ ॥

12 — Ó poderoso filho de Adití, afasta de nós os perigos do caminho quotidiano, e prolonga a nossa vida!

विश्रद्वापिं हिरण्यं वरुणो वस्त निर्णिजम् ।
परि स्पशो नि वैदिरे ॥ १३ ॥

13 — Com trajes puros vestido, envolto em aureo manto, ó Vâruna, tens em roda de ti assentados os teus espiões, as estrellas.

न यं दिप्सति दिप्सवो न दुक्ताणो जनानाम् ।
न देवमभिमातयः ॥ १४ ॥

14 — Não ha malfeitor que mal te faça, nem ardil que não conheças, nem embauidor de homens que te illuda a ti, ó deus!

उत यो मानुषेष्वा यशश्चक्रे असाभ्या ।
अस्माकमुदरेष्वा ॥ १५ ॥

15 — Que tu asseguraste, completamente, a tua gloria entre os homens, provendo ao nosso sustento.

परां मे यन्ति धीतयो गावो न गव्यतीरनु ।
रुक्तीरुचक्षत्सम् ॥ १६ ॥

16 — Quaes vaccas famintas ás pastagens, assim as minhas expressões de vivo desejo se dirigem áquelle que o mundo abrange todo com um só olhar.

सं नु वोचावहे पुनर्यतो मे मध्वर्तम् ।
होतव तदसे प्रियम् ॥ १७ ॥

17 — Volve agora ao altar em que te offereço o doce nectar, e conversemos ambos. Recebe a parte da offerta que te é grata, como a recebe o proprio sacrificador.

दर्शं नु विश्वदर्शते दर्शं रथमधि क्षमि ।
श्रुता क्षुषत मे गिरः ॥ १८ ॥

18 — Eu vejo agora o deus que deve ser visto de todos; e sobre a terra vejo o seu divino carro! . . . Elle aceitou contente os meus cantos.

हूनं मे वरुण श्रुधो हवमया च मरुय ।
त्वामवस्युरा चक्र ॥ १९ ॥

19 — Ó Vâruna, attende ao meu clamor, compadece-te hoje de mim! Desejoso de me refugiar em ti, procurei-te!

खं विश्वस्य मेधिर् दिवश्च ममश्च राक्षसि ।
न यामनि प्रति श्रुधि ॥ २० ॥

20 — Tu governas sobre todas as cousas, assim na terra como no ceu, ó sabio! Acolhe a minha prece:

उडुत्तमं मुमुग्धि नो वि पाशं मध्यमं चत ।
अवाधमानि क्षीयसे ॥ २१ ॥

21 — Desprende-nos dos laços em que possamos cair, livra-nos do peccado, para que possamos viver.





ANTES E DEPOIS

I



RA o que verdadeiramente se chama uma desgraçada!

Bem nova ficára viuva, doente e com dois filhos.

Arrastava-se todos os dias de madrugada para o trabalho, alentada pelos sorrisos e beijos dos innocentinhos.

Elles ficavam sós durante o dia, com um pedaço de pão secco para se entreterem.

Uma vez quando a pobre, morta de cansaço, recolhia a casa trazendo o magro salario ganho a custa de tanto mourejar, deparou-se-lhe um triste espectáculo. Uma das criancinhas estava carbonisada!

Um phosphoro ficára por descuido abandonado no chão, e...

A infeliz, lavada em lagrimas, extorcia-se de dôr!

II

Passados tempos, vinha a misera da fabrica em que trabalhava, quando, defronte de um edificio novo e alegre, viu apear-se de opulenta equipagem uma senhora de altivo porte, deante da qual todos se descobriam, e que ella já conhecia como a caridosa mãe dos que padecem.

Alheia ao que se passava, indagou de um operario o que ia ali fazer a Rainha.

O operario explicou-lhe que...

A infeliz, lavada em lagrimas, exultou de alegria!

Para o filhinho que lhe restava, já havia uma creche!

RANGEL DE LIMA JUNIOR.



Abri do Mar as perfidas entranchas
Para arrancar-lhe as perolas que encerra.
Firmei rompei os musculos da Terra
E taíhae o cadaver das montanhas.

Fazei surgir á luz cousas estranhas,
Salvos que andaes em porfiada guerra
Erguendo no ar o facho, que desterra
As sombras do passado ainda tamanhas.

É grande o vosso esforço. Eu vos saúdo.
Mas tendes acabado? É lido tudo?
E a dôr? e a fome? e os gritos da indigencia?

Abri alas obreiros da sciencia!
Logar á Caridade, que em seu cofre
Vae recolher os prantos de quem sofre!

Porto, abril 1881.

HENRIQUE MARINHO.

D o modo como cuidamos da semente, das condições em que ella tem de germinar no solo em que a lançamos, dependem os fructos, que havemos de colher mais tarde. Rodeando de carinhos o berço das crianças, vivificando-as ao doce calor do nosso affecto, robustecemos o germen d'onde teem de sair as futuras mães e os homens do futuro. Sob este ponto de vista, a festa das crèches não pôde deixar de ser sympathica a todos:—é a festa dos luctadores de amanhã, que virão, pela sua vez, occupar os nossos postos, n'este renhido combate de cada dia.

CHRISTOVÃO AYRES.



AS CRÊCHES

Comme ils dorment tous deux dans le berceau qui tremble !
Leur balcin est paisible et leur front calme. Il semble
Que rien n'éveillerait ces orphelins dormant,
Pas même le clairon du dernier jugement !
Car, étant innocents, ils n'ont peur de juger.

V. Hugo.

—Um filho, um pequenino, aqui o tenho, dei-lhe o meu seio agora, mas quem ha de em quanto no trabalho eu me detenho encarregar-se d'elle?

—A Caridade.

—Ai pobre mãe que eu sou, porque preciso ganhar longe o meu pão! A frialdade vae regelar-me a filha! Co'um sorriso quem lhe dará conchego?

—A Caridade.

—O marido perdi.—Chorado amigo! Tenho dois pequeninos na orfandade: eu coso e engommo fóra. Quem abrigo lhes dá na minha ausencia?

—A Caridade.

—Luctemos co'a pobreza. O pae moureja, eu corro, a trabalhar, toda a cidade. Pobre creança!... que alma bemfazeja te servirá de mãe?

—A Caridade,

—a fonte d'agua viva que não secca, dos tristes o refugio, o exemplo nobre que Christo nos deixou, a que depreca dos ricos o seutil e o dá ao pobre.

Não receeis, ó mães, pelas creanças; entregae-as; olhae; almas piedosas vigiarão as vossas pombas mansas, os dons do affecto convertendo em rosas.

—S. Vicente de Paula não fez mais. Deu exemplo a rainha, abriu a creche; é mãe como vós sois, ó não temaes que da rainha o coração se feche

aos queixumes do pobre, aos desgraçados, aos prantos da orfandade, á dôr sentida, ás supplicas de mãe, aos inundados, ás doces commoções que lhe dão vida.

11 de abril de 1884.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO.

AS MULHERES



EM o amor das mulheres, a igreja primitiva não teria talvez podido apoiar-se nos milagres da resurreição. Foram ellas as mais ardentes fundadoras do christianismo.

A palavra suavissima de Jesus, conquistou-as para todo o sempre: aquelle justo, vindo á terra para allivio da humanidade, consolando os tristes, curando os enfermos, dando de comer aos que tinham fome, e de beber aos que tinham sede, tornou-se o bello ideal das almas femininas. Seguiram-n'o da Galilea a Jerusalem; e não podendo impedir que padecesse morte affrontosa, assistiram, chorando, ao sublime sacrificio do Golgotha.

Primeiro que os discipulos, foram ellas ao sepulchro, levando incenso, e oleos preciosos, para ungir o corpo do divino mestre. Mas as profecias tinham-se cumprido: em vez do morto, acharam, segundo referem S. Matheus e S. Marcos, um anjo sentado sobre a lage do tumulo vazio. Era o anjo do amor, que as attrahia e inspirava. S. Lucas e S. João querem, porém, que vissem dois, um aos pés outro á cabeceira do jazigo: seriam, pois, o anjo do amor e o anjo da caridade, que Jesus, resuscitando para subir ao céo, deixava ás mulheres em penhor da sua crença. Foram ellas que os viram, que lhes fallaram, que reconheceram Jesus, resurgido da morte, e que vulgarisaram a fé n'esses prodigios, e que ainda hoje, melhor que ninguém, nos ensinam a amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmo.

Assim como os homens se apoderaram da instituição nascente do christianismo, e a converteram em idéa politica, sanguinaria ás vezes, atrozmente desviada pelas paixões humanas da sua origem divina, assim ellas se aposaram da doutrina amavel, e trazendo-a consigo atravez do espaço e do tempo, radicaram nas almas, por amor do crucificado, o sentimento do amor universal.

Em Portugal, patria de S. João de Deus, que em 1540 creou a ordem dos irmãos da caridade, vimol-as sempre, como outr'ora em Jerusalem, como em toda a parte, exercitando com devoção admiravel a virtude ingenita do seu sexo. Plebeias, nobres, rainhas—Santa Isabel ou Maria Pia de Saboya, todas trazem em si a poesia do milagre, o ideal do bem e do bello. Tinha sido n'esta quadra do anno que o divino mestre percorrera os logares da Judéa, em cujos campos vicejavam os lyrios vermelhos, offerecendo-se ás suas parabolias; por isso ellas tentam agora reproduzir, nas margens verdejantes do Tejo, senão as mesmas scenas que viram os prados banhados pelo Jordão, outras similhantes, pela licção e o exemplo, em memoria d'aquellas, nas quaes nem sequer faltará Jesus: porque, desde que o amor o resuscitou, elle está vivo no coração de todas as mulheres.

Ahi as tendes: ide vel-as, admirál-as, amál-as na sublimidade da sua obra evangelica, protegendo os pequeninos, transformadas nos anjos de amor e de caridade, que ellas descobriram no sepulchro do redemptor do mundo.

Lisboa, abril de 1884.

FRANCISCO GOMES DE AMORIM.



III.^{ma} Ex.^{ma} Sr.^a Condessa de Almedina.

Minha senhora.

Determinou V. Ex.^a que em curto praso (decorrido já), lhe enviasse qualquer prosa de minha lavra para uma folha, na qual se inscreverão laureados escriptores, com amostras de seu engenho, promovendo recursos para a boa instituição das creches. É grande o desejo de obedecer a V. Ex.^a; grande pela obra pia, que se tem em vista, grande também pela deferencia devida a quem exige o tributo. Porém, maior é o embaraço em cumprir o preceito, pois que não basta só boa vontade.

Na verdade, minha senhora, não comprehendo onde V. Ex.^a foi buscar a inspiração de convidar um quasi rustico, um obscuro e velho plebeu da republica das letras, para lhe abrir logar entre esclarecidos patricios do talento e do estilo. Quer V. Ex.^a pôr o cardo entre as flores, riscar a facha sombria entre os raios luminosos... Só se é para contraste. A grosseira saragossa nacional não foi fabricada para competir com veludos, sedas e rendas de fino lavor.

Um solitario retirado do mundo ha annos não se topa nos salões elegantes, sem extranheza geral. Daria ares de aventesma ou espantallo. Assim me succede com a imprensa. Dei baixa por incapacitado. Mal podia agora a minha velha e ferrugenta penna d'aço entrar em fileira com douradas pennas, sem perturbar a formatura.

Ahi tem V. Ex.^a esboçada a centessima razão das que me vedam annuir ao honroso e amavel convite de V. Ex.^a Se allegasse esta com todos os desenvolvimentos, attestados e comprovação; e em termos semelhantes as noventa e nove razões restantes, faria obra de dimensões proximas ás do dictionario do Innocencio.

Ponho ponto portanto no requerimento da escusa, que humildemente submetto ao judicioso criterio de V. Ex.^a esperando receber mercê, principalmente em attenção á limitada paciencia dos leitores do seu aprazivel e formoso jornal, aprazivel pelos talentos que vae exhibir, formoso pela obra que vae soccorrer.

As creches por si prestam documento da propria valia; ali centenas de mimosos labios infantis murmuram hymno suavissimo de louvor á Mãe adoptiva, que iniciou e protege aquelles tepidos berços dos pobresinhos. Não sendo dado á minha rude voz entoar o echo do panegirico, vae o pleito com vista ao tribunal da consciencia. Condemna-me a sentença por delicto de desobediencia involuntaria ás prescripções de V. Ex.^a, em lece pena pecuniaria, bem ponderadas as attenuantes de idade protecta, rabujice consequente, largo tempo de aposentação, e folha de velustos, raros e mediocres sereijos ás letras patrias.

Pelo que ouso depôr, com estas toscas linhas, aos pés de V. Ex.^a a insignificante importancia da multa, afim de ser lançada no sacco da obra benefica, cujos ingressos se trata de avolumar.

Sou com todo o respeito e consideração

De V. Ex.^a

servo e admirador.

13 de abril de 1884.

Casal Ribeiro.



O GENIO dos povos manifesta-se na elaboração das linguas.

Não é sem razão que na nossa, e n'outras de que temos conhecimento o vicio é masculino e a virtude é feminina. A caridade, que é a virtude das virtudes, também é, diremos nós, essencialmente feminina.

A. DE SERPA PIMENTEL.



BEMDITAS AS CRIÇES

PRINCIPIOU pelas viagens. Maravilhava-se do poder das industrias e de todos os progressos da civilização, atravessou palacios de crystal, embrenhou-se nos labirintos das exposições, no meio dos mares viu as aguas elevarem-se a montanhas e despenharem-se em abysmos, admirou os frescos de Raphael, as virgens de Murillo, as creanças de André del Sarto, os coloridos do Ticiano, as monstruosidades sublimes de Miguel Angelo, os animaes vivos de Roza Bonheur, as cupulas do Bramante, os palpitanes marmores de Canova. Querendo experimentar todos os contrastes, soffreu os frios da Siberia e os calores africanos; phantasiou mundos novos por entre as espiraes de fumo em que o opio a entre-adormecia; baloiçou-se, scismando, nas ondulações incabrianas das gondolas venezianas; e, após tantos mezes, caiu de cansaço e de enfado, estatua de si mesma, sobre o sofá de velludo do seu toucador primoroso.

Em redor dos grandes lagos construiu vivendas em que se aborreceu de passar mais que alguns dias; adornou palacios em que levantou palcos, onde os convidados para os seus bailes a coroavam com palmas e lhe tapetavam a scena de flores, quando de repente, n'uma noite, sentiu a voz suffocar-se-lhe na garganta. Tinha-a perdido.

Leu a historia humana. Estudava não sei em que sabio da antiguidade, quando lhe entrou no gabinete uma das suas amigas mais elegantes.

—Que estás a ler?

—A historia dos homens.

E a joven amiga, tirando-lhe docemente o livro, tornou-lhe:

—Como queres tu erer na historia dos homens, se escrevem a das mulheres, dizendo que estive hontem no theatro com um vestido de faille preto, quando o meu vestido era de setim azul? Estou furiosa!

Dedicou-se á politica; mas, não a percebendo bem, suppoz, por equivoco talvez, que, á semilhança do vestido da sua joven amiga, havia de chamar ao azul, preto; ao preto, azul; á conveniencia, justiça; á necessidade, direito; e não achando estes ares muito arejados, fugiu da politica, espavorida, como de uma cidade em chamas.

Leu os poetas e os romancistas. Romancistas e poetas deixavam-lhe sempre um anseio na imaginação insaciavel.

Tinha casado. O marido caíra morto n'uma batalha; a filha moreira-lhe nos braços, aos quinze annos, dando-lhe com a ultima lagrima o ultimo suspiro do amor filial.

Então, a sua alma, como que rompendo o espaço limitado do cerebro, achou-se n'um deserto immenso, sem uma flor, sem uma folha, sem uma habitação, sem uma fonte, sem um som, sem nada!

Teve medo de si mesma, aquella mulher, e fugiu para os campos.

Numa tarde, quando aos ultimos raios do sol que, reflectindo-se nas nuvens, lhes davam formas caprichosas, divagava, melancolica e pensativa, com uma ruga que lhe cortava a fronte, menos pelos annos do que pelo enfado e tristeza, de que estava vivendo seculos, sentiu junto a si um rumor que a despertou dos seus pensamentos.

Era uma pobre menina de oito annos, magra e pallida, conduzindo docemente um cego, em cuja testa se via,

sublime, a cicatriz de um valoroso. O velho, grave e sereno, encarou-a com os olhos do espirito. A pequenina estendeu a mão, tossindo, e salpicando-lhe de sangue o vestido.

Estremeceu. A mão d'ella tocou rapidamente a mão do pobre. O cego curvou a cabeça, e levou a esmola aos labios, sem pronunciar uma palavra. A creança beijou-lhe a mão, e disse-lhe com a doçura da voz infantil:

—Deus a ajude, minha senhora. Ainda hoje não comemos nem um bocadinho de borôa.

—E a tua mãe?

—A minha mãe não póde sair de casa. Tem sempre ao collo o meu irmãosinho, que está muito doente, e a mãe não tem leite para lhe dar. Deus a ajude, minha senhora.

E foram andando, o cego e a creança.

Ella seguiu-os de longe; de longe os viu entrar na casa terrea e medonha.

Principiou então a visitar muitos lares como este, e muitos infortunios, semelhantes na essencia, diferentes na fórma. Paes emigrados, operarios doentes, e ellas, as mulheres, sem poderem deixar os lares, para não abandonar as creanças.

Reuniu outras senhoras, leu uma proposta, recebeu adhesões; e quem, decorrido um anno, visitasse aquelle bairro, veria n'uma modesta casa os quartos cheios de berços, e os berços povoados de creanças. A primeira admittida, adivinha-se qual fóra. A irmã, que doente guiava o cego, alumna já de um asylo de infancia, sentia gradualmente voltar-lhe a côr ás faces desbotadas. O veterano melhorava de sorte, por isso que, liberta do cuidado constante das creanças, já a mãe podia ganhar lá fóra o sustento para ambos.

A CRÊCHE desfraldára a bandeira do bem, e conquistára a victoria.

As instituidoras amavam-n'a, e com as suas mãos delicadas sollicitavam do povo o que elle sabe dar em affectos e sacrificios.

D'entre as benemeritas, que estremeciam a grande instituição, via-se todos os dias entrar ali uma senhora, cada vez com passos mais firmes e de rosto mais presenteiro. Visitava todos os berços, dava um beijo em cada creança, as horas se lhe figuravam minutos, não lhe parecia já tão mentirosa a historia humana, já encontrava encantos na poesia, a musica resuscitava-lhe melodias no espirito despovoado. A immensidade d'aquelle cerebro, até ali um deserto, via gradualmente cobrir-se de vegetação, irem-lhe rebentando flores, surgindo fontes, deslisando riachos, sussurrando folhagens, convertendo-se n'um jardim, em cujo centro, ella, ouvindo o pipilar de todo aquelle ninho infantil, se conhecia já outra, saciando a sede da alma na beneficencia que a salvava.

N'um d'esses dias, a sua joven amiga, aborrecida por não ter absolutamente nada que fazer, veio visitar a creche. Correram uma para a outra. Abraçaram-se.

—Mas que é isto? Como tu estás! outra! alegre! e ainda mais bonita! Que fada te quebrou o encanto? Não me dizes?

—E que n'este theatro, minha filha, respondeu-lhe ella apontando para os berços, não nos invertem a côr dos nossos vestidos.

D. ANTONIO DA COSTA.





Dae largamente a piedosa esmola:
Porque a Miséria é que assassina as mães,
Fere as creanças que o luar consola
E rouba ás almas luminosos bens.

Venho saudar o vosso feito santo:
Dae pão ao orphão, luz á criancinha.
Bemdito seja quem enxuga o pranto!
Bem dita seja a vossa acção, Rainha!

Lisboa, 1884.

XAVIER DE CARVALHO.



A Nova Lenda

CONTA-SE que ha muitos annos, ha mais de quinhentos, uma rainha de Portugal, neta dos condes de Saboya, que deixou no mundo um grande perfume de santidade e de lendas cheias de poesia, e de actos cheios de virtude, sendo uma vez colhida por seu esposo em flagrante caridade, esposo que rei e sabio não se soubera todavia furtar ás intrigas palacianas e aos enredos da corte, tivera que recorrer ao céu, aos prodigios sobrenaturaes do milagre para fazer passar aos olhos do seu marido e rei o sagrado contrabando da esmola.

O rei encontrára-a quando ella ia com o seu regaço cheio de ouro para esmolar aos pobres.

—Que levais ahí senhora?—pergunta irado o rei que muito letrado nas cousas da terra não era muito lido nas cousas do céu.

A rainha toda vermelha de susto teve uma inspiração divina, porque ha mentiras que são divinas, e mentiu como mentem as creanças apanhadas em maldade.

—O que levo aqui? São rosas, senhor, respondeu ella toda purpurea.

—Rosas? repetiu incredulo o rei, com um sorriso de duvida maliciosa.

—Vêde, tornou a rainha.

E desdobrando o manto mostrou o regaço cheio de rosas tão vermelhas como as suas faces, em que Deus transformára o oiro da sua esmola, para que a virtude não padecesse por ser virtude.

A fantasia poetica do povo recolheu avida de maravilhoso esta lenda singela e encantadora nas suas tradições milagreiras, e a rainha que santa na vida pela caridade foi santa na morte pela egreja, ficou tendo a aureolar-lhe a historia essa corôa divina e primaveral de rosas, em que a imaginação do povo, transformou, por um symbolismo ingenuo e encantador, as esmolas que fizeram da sua corôa de rainha uma corôa de santa.

Ora tudo isto pertence á lenda: o tempo dos milagres acabou; e hoje epocha scientifica e séria, toda positiva e toda practica em que ninguém acredita senão n'aquillo

que vê, e de vez em quando no spiritismo, para se acreditar em alguma cousa, o milagre das rosas foi posto fóra da historia grave, e teve por unico refugio o *Flos Sanctorum*, esse repertorio poetico da mythologia christian.

Mas eis que de repente outra rainha de Portugal, outra princeza tambem da casa de Saboya vem resuscitar no nosso tempo prosaico e frio essa epocha do maravilhoso e vem escrever nas paginas da nossa historia contemporanea, scientifica e grave outra lenda cheia de poesia e de encanto.

Hoje que as lendas passaram de moda vamos todos, admirados, assistir a uma lenda nova, hoje que os milagres disseram de ha muito adeus, vamos todos, deslumbrados, ver um novo milagre.

Isabel d'Aragão transformou o ouro em rosas, Maria Pia de Saboya vae transformar rosas em ouro.

Aquelle milagre, fel-o a imaginação poetica d'um povo, este fal-o a caridade santa d'uma mulher.

Um milagre vale bem o outro. Ante aquelle o historiador pôde sorrir incredulo e desdenhoso, ante este a historia tem que se curvar reverente e maravilhada, e o povo que teve de recorrer á sua phantasia imaginosa para bordar a historia da rainha Isabel com os encantos do maravilhoso, tem apenas que recorrer á sua justiça suprema para engrinaldar a historia da rainha Maria Pia com as benções da gratidão.

GERVASIO LOBATO.



ERA uma vez uma rainha. Cingia-lhe a fronte senhoril o diadema real constellado de preciosas gemmas. Nunca em cabeça de mulher assentára mais a primôr aquelle symbolo da Magestade. No entretanto, a rainha da nossa historia não se dava por contente com a sua corôa. Bem sabia ella que se o esplendor do diamante deslumbra os olhos, só o perfume da flôr nos traz á alma o que quer que seja da atmosphaera celeste em que os anjos respiram. Não lhe bastava a corôa scintillante de custosa pedraria; queria que n'ella se entretecessem as rosas e as boninas, e que esse outro diadema, para que a todos sobrelevasse na pureza, fosse fabricado pelas mãos innocentes de centnares de creancinhas. Era esse o seu intimo anhelito, o seu mais querido sonho. Por vê-lo realisado por tal modo lidou no empenho, que as flôres que hoje lhe engrinaldam o diadema real, aljofradas pelas benções de um povo inteiro, tão subido realce lhe dão á corôa de rainha que não ha na terra outra de mais inestimavel preço. É que a luz que d'ella esplende tem os suavissimos fulgores da aureola com que a mão de Deus illumina o Anjo da Caridade.

Lisboa, 5 de abril de 1884.

A. DE SOUSA E VASCONCELLOS.

Duas Rainhas

UMA rainha houve um dia,
Contam lendas milagrosas,
Que em seu regaço trazia
Dinheiro desfeito em rosas.

Hoje a historia portugueza
Regista em ridentes côres
O nome d'outra princeza,
Que transforma em ouro as flores.

CONDE DE SABIUGOSA.



SENTENÇA



ISTOS e relatados estes autos:

Pede a auctora, a Ex.^{ma} Sr.^a Condessa de Almedina, em sua petição d'acção, que o publico seja condemnado a comprar o jornal, intitulado *A Prece*, para com o producto da venda augmentar o fundo necessario á sustentação da mais sympathica, e da mais util instituição que alma de mulher tem sonhado, e que coração de mãe tem inventado;

Allega mais a gentil Condessa que a compra forçada do jornal tende a manifestar e dar publico testemunho do bom acolhimento que sempre tem a idéa de proteger no berço as vidas, ainda em flor, em quanto as mães trabalham na lida incessante do dia:

Pede por ultimo a bonissima auctora para a acção ser julgada procedente e provada afim de não ser posta em duvida a virtude caracteristica d'este bom povo do Occidente, que tem, de longa data, deixado, na historia da beneficencia, sempre accentuado o seu immenso amor pelos desprotegidos e o seu grande attrahimento pela desventura;

Juntaram-se á petição inicial varios documentos, extrahidos dos registros das acções meritorias, para provar que, se n'este povo tem havido muitos com *a mente das musas dada* e outros com *braços das armas feitos*, todos têm vasto coração ás grandes dores aberto.

O réu não contestou e deixou correr a acção á revelia.

Fez-se a prova testemunhal e o processo não labora em nullidade insanavel, tendo seguido os seus termos regulares.

Não se contesta a legitimidade da auctora, mas é ella provada, pelo principio fundamental na sciencia do amor,—que tem sempre competencia para bem fazer quem a virtude tem por norma.

Assim pois:

CONSIDERANDO que o producto da venda do jornal *A Prece* tem por fim desenvolver uma benefica instituição que accode aos filhos, e os recebe entre mil beijos de carinho, em quanto as mães obedecem á lei universal do trabalho;

CONSIDERANDO que os jardins, em que as rosas da manhã desabrocham, têm a immensa utilidade de dar ás mães a alegre certeza de que ao menor gemido do filho do seu amor corresponde logo affecto e consolo, dados por quem lhes guarda as premicias da sua alma;

CONSIDERANDO que o costume faz lei e costume sempre foi n'esta boa terra exaltar a virtude e concorrer para que os feitos uteis tenham a consagração do povo, que os applaude;

CONSIDERANDO que todos olham, como prova de uma altissima significação social, espalhar por entre as classes laboriosas os proveitosos elementos do bem;

CONSIDERANDO que é dever, a que todos obedecem, respeitar as acções dignas praticadas pelos dilectos da sorte e por os que, cheios de ouro e purpura, estudam e resolvem o problema da miséria;

CONSIDERANDO que a excelsa fundadora de tão pia instituição tem direito a que todos lhe demonstrem quanto é grato vêr deixar no throno um manto de rainha para só com o seu formosissimo coração passear por entre as alas dos pequenos enamorados e espalhar por sobre todos elles o amparo de que precisam;

CONSIDERANDO que a auctora na sua virtuosa intenção de bem fazer, só pretende pôr em relevo a utilidade das casas em que a infancia se recolhe, e que, recamadas de luz innocente, dão no brilho, que derramam, a prova clarissima do muito que valem;

CONSIDERANDO que é muito para exaltar vêr no topo da collina o sol da opulencia, allumiando os menos bem amados da sorte;

CONSIDERANDO que, entre os documentos importantissimos que a auctora junta á acção, se encontram mil exemplos de caridade, sempre dados nas situações mais difficeis e angustiosas da vida dos povos;

CONSIDERANDO que a auctora basêa tambem a sua acção em trechos, tirados das paginas sagradas, em que o divino mestre escolheu as creanças como seios, que mais tarde seriam fontes de infindo amor e de gratidão suprema;

CONSIDERANDO que a auctora, na legenda que escolheu para rotulo do seu dourado balcão, deu exemplo de humildade e em phrase singela e desprerenciosa compilou toda a verdadeira philosophia da sobrenatural compensação que têm os que favorecem os desvalidos;

CONSIDERANDO, finalmente, que o jornal — *A Prece* — quando não tivesse o fim a que mira, mereceria, apesar d'isso, ser comprado, porque n'elle se acham artigos dos homens mais notaveis do paiz e que são gloria das letras patrias, como se vê dos documentos juntos até esta sentença exclusivê:

Por todas estas razões e supprindo o que seja de supprir:

Julgo a acção procedente e provada para condemnar, como effectivamente condemnno, o réu a comprar o jornal — *A Prece* — como boa demonstração da sua caridade nunca desmentida, do seu gosto litterario, sempre attestado, e do seu immenso respeito para com a augusta fundadora das *crêches* entre nós, e de todos que promovem o maximo desenvolvimento de uma instituição d'onde partem os raios resplendentes de purissima luz e que representam o dia de amanhã.

Pague o réu as custas. Cale-se e não appelle, que mais gasta.

Lisboa, abril de 1884.

DR. J. J. M. DE OLIVEIRA VALLE.



Desculpa justificada

Quem vive d'autos cercado
Não brilha como escriptor:
Faz versos de pé quebrado,
Ou faz prosa semsabor.
Dispensa do encargo honrado,
N'esta angustia em que se vê,
Requer, o abaixo assignado,
E receberá mercê.

COUTO MONTEIRO.



O BERÇO é o primeiro albergue da vida. Apenas a mulher, n'uma revelação intima, reconhece que vai ser mãe, agradecendo a Deus cheia de jubilo esse complemento de felicidade que nem a todas é dado, o seu primeiro pensamento é—o berço para o seu filhinho.

Para as mães favorecidas de fortuna, para aquellas que juntam aos thesouros da alma os haveres, tudo parece pouco quando pensam em preparar esse albergue pequenino aonde vão agasalhar a dadiva de amor que esperam das mãos de Deus.

Quantos thesouros de affecto e de ternura se não entrevêem no meio das custosas sedas, dos fôfos coxins d'esse ninho encantador em que vae embalar-se e desenvolver-se, uma existencia que é para ellas um futuro de esperança e de felicidade!

As infelizes, porém, aquellas que lutam com a miseria sentem, de permeio com a alegria intima que tambem experimentam, uma profunda amargura, uma dôr pungentissima. É que para ellas tambem o primeiro pensamento é o berço do seu filhinho. Mas são pobres, nada têm. Verdade seja que com tudo se contentam; mas esse pouco mesmo que desejam, como poder obtel-o?

Nos desalentos da vida o conforto para os pobres, como para os ricos, está na religião.

A mãe pobre ajoelha e reza.

Subitamente interrompe a oração.

Um anjo lhe indica a mão que a favorece; um raio d'esperança lhe inunda o coração.

Apparece-lhe, surge diante d'ella o vulto de uma extremosa mãe, de uma verdadeira Rainha, que lhe promette, sorrindo, o primeiro albergue da vida, o berço para essa dadiva de amor que tambem ella vae receber das mãos de Deus.

Ergue-se então cheia de jubilo, de gratidão, de fé, com o nome da generosa Senhora gravado no coração. Iluminada pela aureola que circunda essa imagem viva da caridade, promette mentalmente a Deus tambem ella insinar aos filhinhos, como a linda Ignez do nosso Camões fazia aos montes e ás hervinhas, esse doce nome que no peito escripto tem.

Assinatura
on dis
Almeida

